



A LINGUAGEM ESQUECIDA DO PERDÃO: ESTE PRESENTE DEVERIA SER PARTE DO NOSSO VOCABULÁRIO¹

The forgotten language of forgiveness: the gift should be part of our vocabulary

Scott Seeke²

“Ai meu Deus!” disse a minha esposa durante o jantar. “Eu me esqueci de enviar uma mensagem para sua mãe desejando-lhe feliz aniversário!” Eu pus minha faca na mesa e baixei minha cabeça em minhas mãos. Eu não o havia feito ainda. O aniversário dela tinha sido há dois dias e eu havia esquecido completamente.

Eu me sentia terrível.

Somente havia uma coisa a fazer: ligar para ela e desejar-lhe um feliz aniversário atrasado. Como eu me desculpava repetidamente, minha mãe graciosamente o aceitou. “Não se preocupe com isso”, continuamente ela dizia. “Está tudo bem!”

Isto foi melhor do que eu merecia.

Passados alguns dias, eu ainda continuava a me desculpar. E ela continuava a dizer estas mesmas palavras: “Não se preocupe com isso, está tudo bem!” Mas a culpa permanecia. Nós dois estávamos fazendo a coisa certa. Eu não deveria ter me sentido melhor?

Não muito tempo depois, eu estraguei tudo de novo. Desta vez foi um erro menor. Eu me desculpava por ter esquecido de comprar algo que minha filha precisava para a escola. “Está tudo bem pai!”, ela me dizia. “Não se preocupe com isso”.

Ali estavam aquelas palavras novamente, mas desta vez eu imediatamente sabia que estava errado, “Não está tudo bem, docinho”, eu disse a ela. “Na próxima vez eu irei fazer melhor”.

“Obrigado, pai”, foi tudo o que ela me disse, no entanto, ela parecia aliviada. Ser honesto sobre o meu erro (em vez de não reconhecer) fez com que se tornasse mais fácil para nós o suportarmos. No entanto, ainda faltava algo. Diversas semanas depois eu finalmente descobri o que era.

¹ Tradução Éder Beling. Revisão da tradução: Marie A. W. Krahn.

² Reprint information was granted by *Living Lutheran* magazine for this article as it first appeared in the April/2015 issue of *The Lutheran*.

A reimpressão dessas informações foi permitida pela revista *Living Lutheran* para este artigo, como ela primeiramente apareceu em abril/2015 na publicação *The Lutheran*.

O texto foi originalmente publicado em: SEEKE, Scott. The forgotten language of forgiveness: the gift should be part of our vocabulary. *The Lutheran*, Minneapolis, April, p. 40-41, 2015.

A realização atingiu-me enquanto eu me preparava para officiar o culto. Eu olhei para o boletim para ver novamente as palavras que eu já havia visto inúmeras vezes: “Confissão e perdão”.

E tudo fez sentido.

Eu tinha confessado, mas não tinha recebido perdão. Minha mãe indubitavelmente em seu coração me perdoava, mas ela não tinha dito: “Eu te perdoo”.

Vendo estas palavras no boletim foi como olhar um grande copo de água o qual eu não podia beber. Eu precisava ouvir as palavras.

Eu larguei o boletim e pensei sobre as vezes que tinha usado as mesmas palavras como minha mãe. Quantas vezes eu tinha falado para pessoas que me procuravam buscando perdão que estava tudo bem? Que aquilo o que eles fizeram de errado não importava? Que a culpa e a vergonha deles não importavam? Bastante, eu imaginei.

De fato, eu não pude me recordar a última vez que eu tinha ouvido ou dito: “Eu te perdoo”. Eu tenho 41 anos, mas tampouco pude me recordar um tempo no qual estas palavras eram usadas comumente. Era somente eu que sentia falta delas? Será que houve um tempo em que as pessoas diziam umas às outras “eu te perdoo”? Será que isso estava acontecendo ao redor de mim? Será que eu estava fora de contato com a realidade?

Porém, eu encontrei muitas pessoas, na vida ou na mídia, dizendo umas às outras “está tudo bem” e “não se preocupe com isso”. Entretanto, ninguém disse: “eu te perdoo”.

Eu decidi fazer uma tentativa. Uma oportunidade surgiu com uma confusão sobre as sessões de escola dominical. . Eu tinha preparado uma lição, somente para descobrir que aquelas sessões haviam sido canceladas.

“Desculpe, eu esqueci de dizer a você”, a pessoa no comando dizia. “E eu sinto muito que você tenha feito todo o trabalho por nada”.

“Está tudo bem”, eu disse reflexivamente. As palavras tinham simplesmente saído, como tantas outras vezes antes. Recuperando, eu tentativamente adicionei: “eu te perdoo”.

A expressão no rosto daquela pessoa não tinha preço. Primeiro, tinha indignação, como se dissesse: “quem é você para me julgar?” Após a indignação, veio o alívio.

“Obrigado”, a pessoa disse.

A troca para ambos foi estranha e natural, como se estivéssemos redescobrimo a linguagem que tínhamos esquecido. Sentíamos-nos bem. Eu sabia que iria dizer aquelas palavras novamente. Eu fiz, e quanto mais eu o fazia, mais natural as sentia.

Eu contei à minha mãe o que tinha aprendido e quão significativo foi para mim dizer e ouvir “eu te perdoo”.

Eu nunca esquecerei o que ela disse a seguir: “a propósito, se eu não disse eu te perdoo, eu digo agora. Além disso, perdão inclui perdoar a nós mesmos. Eu te amo de todo o meu coração”.

Eu chorei. O aniversário dela tinha sido alguns meses antes, porém aquilo foi exatamente o que eu precisava ouvir. Uma vez que ela me disse aquelas palavras, eu finalmente era capaz de me perdoar.

Eu estou tentando fazer o perdão ser parte do meu vocabulário. Dizer “eu te perdoo” ainda não parece ser completamente natural. Meu primeiro instinto é ainda dizer: “não se preocupe com isso” ou “está tudo bem”. Quando eu me percebo, eu adiciono um “eu te perdoo” ao final.

Parece que eu estou falando em inglês shakespeariano – inteligível, porém, incômodo. Mais importante, isto parece correto. Eu aprendi que perdão não é somente um presente que nós recebemos de Deus. É um presente que Deus nos dá para compartilhar com todas as pessoas, e é melhor compartilhado ao olharmos nos olhos de alguém e dizer estas palavras:

“Eu te perdoo”.